

SLAM: O GRITO DAS MULHERES NEGRAS

Luzia Martins dos Santos Silva¹

Resumo: As mulheres negras tem passado por um longo processo de invisibilidade e a literatura aparece como um espaço no qual podem falar de seus desejos, sentimentos, mas sobretudo das suas lutas, reivindicações e formas de reexistência. O presente texto trata da produção literária ligada às realidades pessoais das poetisas negras do Slam, buscando visualizar as formas de apresentações de uma poesia que também se torna uma forma de luta social e cultural. Para tanto, fazemos um diálogo com a crítica de Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, bell hooks, Rejane Oliveira, Grada Kilomba, buscando entender a importância da literatura para essas mulheres, além de buscar entender como elas usam a sua escrita como lugar de fala, de rompimento de uma política de silenciamento, além de conseguirem fazer os arrombamentos necessários para que esse segmento social possa de fato ser visibilizado no meio intelectual. Com isso, notamos que existem diferentes formas de construções literárias que extrapolam os limites da escrita em que o corpo e a voz são utilizados como ferramentas para desfazer as amarras sociais às quais a periferia está submetida.

Palavras-Chave: Slam. Mulher negra. Lugar de fala.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surge de um atravessamento que me acometeu no contato com a literatura conhecida como Poetry

¹ Graduada em Letras pela Universidade do estado da Bahia (UNEB), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB) — linha de pesquisa: Literatura, produção cultural e modos de vida, orientadora Profa. Dra. Edil Silva Costa, endereço eletrônico: luz-martins@hotmail.com.

Slam. Embora o Slam fale de diversos temas e seja produzida por pessoas das mais variadas identidades de gênero, eu vou me ater as poesias produzidas por NegaFya, uma Poetry Slammer que mora na periferia de Salvador/Bahia.

Moradora do bairro da Sussuarana, Salvador-BA, graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) Fabiana Lima, nome civil da guerrilheira *NegaFya*, atua como poeta, MC, artista de rua, produtora e ativista cultural, e é idealizadora e produtora do Slam das Minas (BA), além de fazer parte do importante grupo de poesia *Resistência Poética*. Falando sobre si em uma de suas redes sociais Fabiana nos diz: “Faço da poesia marginal os gritos pretos e femininos de liberdade, resistindo na diáspora Africana, enquanto ser que transforma a dor em luta”.

Dona de uma poesia forte, provocadora NegaFya nos mostra isso no trecho que trago aqui do poema: “A solidão da mulher preta”

[...]
Mulher um ser que resiste e é firme
Mulher, quanto mais melanina tiver, maior a sua dor,
pouco se tem amor.
Tudo isso para nós é um fator.
E Você sabe o que é isso?”
Claro que não
“Você, que sempre foi feita para casar;
enquanto eu, mulher negra, nós mulheres negras,
servimos só para transar. Saciar o homem branco,
homens negros que também vivem a nos maltratar”
[...]

É importante dizer que o Slam surge inicialmente como forma de atrair a juventude para o gosto pela literatura, uma vez que buscava através da batida criar um estilo mais atraente, mas ao chegar ao Brasil toma um sentido diferente. Aqui, na maioria das

produções o Slam tem se tornado uma ferramenta de luta, de denúncia social.

A poesia produzida por essas mulheres se resume na fala de Grada Kilomba quando diz que: “Escrever é um ato político” (KILOMBA, 2019). É nessa perspectiva que se configuram os textos produzidos pelas mulheres negras do Slam. Essas poetisas, além de falar dos seus sentimentos, utilizam a literatura como espaço de reivindicação e sobretudo de resistência e de reexistência, pois falam das lutas diárias travadas por si e seus pares, e das suas inquietações, reivindicando seu lugar de fala. Mas, para que isso aconteça, a realidade precisa ser transformada, pois se opor apenas não basta, faz-se necessário reinventar o que é posto como norma, como diria Grada Kilomba (2019) quando pontua que devemos nos tornar oposição absoluta ao que o projeto colonial predeterminediu.

Neste sentido, este projeto se justifica pela possibilidade de trazer para cena uma literatura composta de narrativas contra-hegemônicas, produzida por mulheres pretas — que são as poetisas Slammer, na tentativa de forjar espaços para que mais vozes sejam ouvidas, porque cotidianamente esse é o desejo e a luta dessas mulheres.

Dessa forma, o objetivo aqui é investigar como a produção literária está ligada às realidades pessoais das poetisas negras do Slam e de que forma essa poesia se torna uma ferramenta para falar de si e dos seus. Para isso, proponho analisar a produção poética de Fabiana Lima — NegaFya. Acompanhando sua poesia falada através dos diversos espaços como: saraus, feiras literárias e nas redes sociais, principal meio de difusão de sua obra. A partir disso, buscamos responder a seguinte questão: quais estratégias utilizadas e desafios encontrados pela Slammer NegaFya para produção e recepção da sua obra?

O SLAM: A BUSCA POR UM LUGAR DE FALA

Ao longo do tempo os estudos nos mostram que a literatura é um espaço importante para falar de demandas que muitas vezes são esquecidas pela sociedade, como é o caso das questões que envolvem as mulheres negras, principalmente as que estão produzindo literaturas nos recantos periféricos do Brasil.

Atualmente, diversas autoras negras nos mais variados espaços — filosóficos, antropológicos, literários, dentre outros — trazem para a cena as suas lutas e resistências. Isso fica evidente em suas narrativas que, em geral, são compostas por retratos de suas vivências, bem como pela interação entre os sujeitos envolvidos e não apenas como um ponto estante fruto de uma poética pessoal.

Para muitas mulheres negras que vem produzindo suas narrativas nas margens, a literatura cumpre bem o que nos diz o prólogo do livro “A literatura em perigo”, Tzvetan Todorov:

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. [...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.[...] Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservadas as pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 23-24).

É nesse sentido que Mariléa de Almeida no prefácio do livro de bell hooks “*Erguer a voz*”, nos diz que: “Erguer a voz articula simultaneamente corpo (a voz), prática (a coragem) e ética (compromisso com a dignidade humana)” (hooks, 2019, p. 8). Essa parece-me ser uma definição que se adequa à literatura produzida nesses mais variados espaços periféricos, de modo especial o Slam, pois possibilita a interação entre os sujeitos e ao trazer para a cena

situações simbólicas da vida social, também está nos fazendo lembrar que esta vocação do ser humano perpassa em rever hábitos que são culturais e podem ser discutidos e reexaminados.

Na escrita dessas mulheres negras da periferia, os pobres e pretos, por exemplo, não são apenas personagens passivos na sociedade. Eles aparecem como protagonistas de sua própria história. Através deles, denúncias são feitas e espaços são reivindicados. Sobre o processo de escrita, NegaFya nos diz “Eu não tenho nenhum tipo de pretensão em ser referência. São as nossas dores, as dores que eu sinto, as dores que eu vejo os irmãos passarem, a vontade é mesmo de expressar o que sentimos” (NEGAFYA, 2017, p. 4).

A literatura produzida tem uma forma própria de ser. O escritor não conta apenas, ele participa dessa história e por isso a sua poesia, além das transformações estéticas — no que se refere a poesia canônica — ela também exige transformações de ordem política e social (OLIVEIRA, 2011).

Nesta produção poética há um processo de identificação com a realidade vivida, os autores que são da periferia, falam a partir de um olhar interno, dizem da experiência de viver na condição de marginalizados sociais e culturais. Assim se fala “da” periferia (e não “sobre” a periferia). Agora se tem um outro olhar sobre a produção literária e cultural, apresentando-se como uma resposta aos discursos daqueles que falam no lugar dos marginalizados (OLIVEIRA, 2011).

É esse processo de deslocamento que as mulheres negras promovem com seus textos. Estes sujeitos (sujeitas) que são vistos (as) como sem voz, mas que “mesmo diante dos limites impostos, suas vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica” (RIBEIRO, 2019, p. 86).

Neste sentido, fica claro que a literatura funciona como um lugar de pertencimento para as minorias diversas: raça, classe social, gênero, dentre outros que buscam ao longo da história romper as amarras dos lugares de poder. É preciso ocupar os lugares de fala. Mas, destacando que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas ao poder de existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia e a hierarquização de saberes consequentemente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2019, p. 64). É nesse sentido, que as narrativas do Slam são construídas, desvelando as facetas das mazelas que teve início no período colonial, mas que ainda persiste nos dias atuais.

O SLAM: UM GRITO NECESSÁRIO

O racismo mata

“Pela chacina do Cabula, nem um passo atrás
Por Davi Fiuza nem um passo atrás
Reaja ou será morto, reaja ou será morta (bis)
Reaja...
Autorizados pra matar pelo Estado legitimado
Invadem os barracos com preconceitos fardados
Impulsionados pela TV que é do deputado
E tem o amém de quem vive em condomínios fechados
Me digam: como chega arma na comunidade?
A munição, o colete, a cocaína e o crack
Quem financia
Quem autoriza [...]”

Negafya

A partir desse texto acima, somos *convocados* a uma reação. Há nessa escrita da Negafya uma voz que *grita*. Esse grito se dirige a todas/os nós que vivemos neste mundo rodeadas/os por tantas questões que massacram as/os nossas/os. E esse clamor feito pela poeta de: *Reaja*, nos interpela a pensar que este grito muitas vezes ao longo da história fora silenciado por diversos mecanismos.

Dentre esses dispositivos podemos citar um que era utilizado no período colonial-a máscara. Esta, era colocada na boca do escravizado como forma de impedir que ele comesse os alimentos pertencentes ao seu senhor, mas o fato é que funcionava como mais uma maneira de evitar que as/os negras/os se comunicassem e pudessem construir meios que os libertassem daquele sistema desumano. Segundo Grada Kilomba: “a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquistas e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os”. Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar” (KILOMBA, 2019, p. 33).

Sáímos do período colonial e percebemos que apenas mudaram as formas de silenciamento, mas continuamos imersas/os nessa mesma política perversa de quererem nos calar. Basta observarmos a forma de ocultamento das escritas de mulheres e homens negras/os, que tiveram suas escritas completamente apagadas dos registros literários, como é o caso de Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Esmeralda, bem como diversos pensadores como a Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, dentre outros.

Com a literatura marginal não é diferente. Quantos das nossas poetisas Slammer conhecemos? Quantas e quais tem apresentado nos nossos espaços “*intelectuais*”?

Sobre isso nos diz uma das organizadoras do Slam das Minas em Salvador:

No decorrer desses meses encontramos dificuldades porque nós acreditamos que eles não nos veem como capacitados para realizar qualquer tipo de evento cultural. Quando a gente começa a realizar e fazer sucesso, eles começam a criar barreiras e fechar as portas nessas parcerias que foram oferecidas. Colocam dificuldades para

que a gente desista, enquanto mulher negra, porque acreditamos que se fosse homens seria muito mais fácil chegar as coisas e ter as parcerias (2017, p. 2)².

Margareth Rago ao tratar da invisibilidade das mulheres na ditadura Militar, destaca que falar sobre a literatura produzida por estas, é uma tentativa de dar visibilidade às narrativas de mulheres que se arriscam para denunciar, refletir e testemunhar, quebrando as histórias oficiais, fazendo surgir brechas por onde se pode perguntar pelos silenciados, esquecidos e reprimidos, e desse modo exigir a possibilidade de intervenção em seu próprio espaço (RAGO, 2009).

Percebemos que as dificuldades enfrentadas por essas mulheres para serem “vistas”, e “ouvidas”, tem relação com o que se legitima como produção literária. Para Regina Dalcastagnè

Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço — e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade (DASCAGNÈ, 2012, p. 1).

Esses ruídos também tem sido uma forma de gritar. Um grito que reivindica um lugar legitimado de quem tem direito a fala. Mas também é um grito de denúncia para dizer das suas dores, e sobretudo, um grito para acordar os seus pares no sentido de instigá-los a buscarem seus espaços nessa sociedade mantida pelo

² Não aparece o nome da autora porque na entrevista, a revista não separou as falas. Era sempre uma pergunta feita e elas responderam. Mas, não determinando qual das quatro entrevistadas estava com a fala. Ver: <https://revistagambiarra.com.br/slam-das-minas-bahia-poesia-negra-periferica-e-feminina/>.

estigma do racismo, do machismo, enfim, das diversas políticas que tem produzido o silenciamento de grande parcela da população.

É neste sentido que bell hooks nos diz: “Certamente, para as mulheres negras, nossa luta não tem sido para emergir do silêncio para a fala, mas para mudar a natureza e a direção da nossa fala, para fazer uma fala que atraia ouvintes, que seja ouvida” (hooks, 2019, p. 26).

Nessa briga por esse espaço de fala, o grito também se dá a partir da escrita, numa sociedade que sempre excluiu a mulher negra desse processo. Percebemos isso quando Conceição Evaristo nos fala da importância do processo de escrita para sua vida:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança (EVARISTO, 2020, p. 219).

Assim, notamos que Negafya, bell hooks, Conceição Evaristo, dentre tantas outras mulheres nos mostram que é preciso juntar as vozes numa tentativa de que haja um fortalecimento dessa luta. As meninas do Slam vêm fazendo esse papel de juntar essas mulheres nas periferias de nossas cidades para gritar tentando abrir as brechas necessárias para que suas vozes cheguem nos mais variados espaços.

É essa teimosia citada por Conceição Evaristo, que muitas Slammer vêm fazendo. Criando estratégias para que sua voz ressoe, nos saraus, nas redes sociais, nos diversos espaços que por muito tempo fora controlado por aqueles que determinam aquilo que deveria ser falado e ouvido, àqueles que detinham o domínio dos espaços literários e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas reflexões iniciais sobre meu projeto têm possibilitado perceber que existe uma política de silenciamento vivida pelas mulheres negras ao longo do tempo, o que acarretou um processo de exclusão. Mas, percebemos também que essas mulheres nunca se renderam e vem brigando das mais diversas formas para que de fato ocorra o seu processo de emancipação.

A Poetry Slam se apresenta como uma das ferramentas utilizadas pelas mulheres negras da *periferia* para que lutas sejam travadas contra o racismo, o machismo, a favor de uma política de inclusão da mulher nos mais variados espaços de poder.

Espera-se que ao final deste estudo, possamos nos aproximar cada vez mais das mulheres que produzem a literatura Slammer e que essa poesia falada possa não ser vista apenas nas periferias. Desta forma, poderemos perceber as diferentes formas de construções literárias que extrapolam os limites da escrita, utilizando o corpo e a voz para desfazer as amarras sociais, nas quais à periferia está submetida.

REFERÊNCIAS

DASCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. 2ª João Pessoa: CCTA, 2020. p. 219-229.

OLIVEIRA, Henrique. Slam das Minas Bahia: *Poesia negra, Periférica e Feminina*. 2017
Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/slam-das-minas-bahia-poesia-negra-periferica-e-feminina/>.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. São Paulo: Cobogó, 2019.

NEGAFYA. *O racismo mata*. Publicado em 17 de jan. de 2019. (3m44s). Disponível em: <https://youtu.be/Ed3IQPJ6Ftw>.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. *Potesi*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2-Especial, p. 31-39, julho a dezembro 2011.

RAGO, Margareth. Desejo de memória. Dossiê 'Memórias Insubmissas'. *Revista Labrys*, n. 15, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

